

A SANTIDADE NA IGREJA: UM OLHAR A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Rafael Viana de Aramburu*

Resumo: Este artigo científico tem o intuito de estudar a compreensão de santidade na Igreja como uma vocação universal a partir da visão do *aggiornamento* proposto pelo Concílio Vaticano II. Assim, por meio dos documentos do Magistério da Igreja, de livros, teses e artigos buscar-se-á um aprofundamento sobre a temática a fim de apresentar a visão de santidade no início do século XX, através do Magistério de Pio XI e Pio XII, de igual forma se analisará o capítulo V da constituição Dogmática *Lumen Gentium* com a basilar afirmação da santidade como vocação universal e os seus desdobramentos, nos pontificados de João Paulo II e de Francisco. Por fim destacar-se-á que a santidade não é privilégio de poucos, mas uma possibilidade para todos os batizados. É, pois, o rosto mais belo da Igreja que é construída através da prática e da vivência do amor.

Palavras-chave: Santidade. Testemunho. Vocação. Vaticano II.

HOLINESS IN THE CHURCH: A VIEW FROM THE II VATICAN CONCILIAM

Abstract: This scientific article aims to study the understanding of holiness in the Church as a universal vocation from the perspective of *aggiornamento* proposed by the Second Vatican Council. Thus, through the documents of the Church's Magisterium, books, theses, and articles, an in-depth exploration of the subject will be sought in order to present the vision of holiness in the early 20th century, through the Magisterium of Pius XI and Pius XII. Similarly, Chapter V of the Dogmatic Constitution *Lumen Gentium*, with its fundamental affirmation of holiness as a universal vocation and its developments, will be analyzed in the pontificates of John Paul II and Francis. Finally, it will be emphasized that holiness is not a privilege of a few, but a possibility for all the baptized. It is, therefore, the most beautiful face of the Church that is built through the practice and experience of love.

Keywords: Holiness. A testimony. Vocation. Vatican II.

* Acadêmico do 7º semestre do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: rafael.aramburu@gmail.com.

Introdução

O Concílio Vaticano II através do capítulo V da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG) deu um passo fundamental sobre a temática da santidade, ao explicitar que todos os cristãos são chamados à santidade. Afirmou que a santidade é uma vocação comum e universal. Assim diante dessa proclamação basilar, algumas perguntas surgem ao nosso pensamento: Qual era a compreensão de santidade antes do Concílio Vaticano II? Qual a repercussão e os desdobramentos da afirmação do chamamento universal à santidade no pós-Vaticano II?

Dessa forma, defronte a tais questionamentos e tendo presente que no mundo atual falar de santidade é um desafio enorme, sobretudo em razão de que muitas vezes esse chamado é compreendido de maneira errada e equivocada, buscar-se-á através deste escrito evidenciar alguns apontamentos à compreensão de santidade no pré-Vaticano II, no Vaticano II e no pós-Vaticano II. De igual forma, pretende-se corroborar com a ideia de que através do nosso batismo todos recebemos a potencialidade de sermos santos na vivência da vocação específica, confiada a cada um, ressaltando o grande modelo e fundamento de santidade: a pessoa de Jesus Cristo.

Para dar conta da proposta, se utilizará do manuseio e consulta dos documentos do Magistério da Igreja, livros, teses, artigos de professores, pesquisadores e comentadores da temática. E, com o intuito de melhor sistematizar o trabalho, ele será subdividido em três capítulos. No primeiro capítulo buscar-se-á compreender a santidade do início do século XX até o Concílio Vaticano II, dedicando-se, ainda que de forma sintética, ao Magistério

dos papas Pio XI e Pio XII¹. No segundo capítulo, apresentar-se-á, a partir da proposta de *aggiornamento* do Concílio Vaticano II, a novidade que o mesmo traz ao dedicar um capítulo inteiro da Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, para tratar sobre a temática da santidade. Por fim, no terceiro capítulo explorar-se-á a temática da santidade como vocação universal no magistério dos papas João Paulo II e Francisco.

1 Compreensão de santidade do início do século XX até o Concílio Vaticano II

A santidade desde o início do cristianismo é considerada como algo que caracteriza a vida do cristão. Assim, ao longo da história foram constituindo-se alguns modelos de santidade, sendo que nos três primeiros séculos, a santidade começou a ser compreendida através do martírio, doar a sua vida pela fé.

Posteriormente com a liberdade religiosa concedida por Constantino e a publicação do Edito de Tessalônica por Teodósio (380 d.C.), o cristianismo passa a ser a religião oficial do Estado, e o risco do martírio em nome da fé diminui. Com isso, o modelo de santidade deixa de ser o martírio e passa a ser pautado na Imitação a Cristo através da vida eremítica dos Padres do deserto e da vida monacal.

No medievo a santidade começa a ser entendida como um privilégio para os membros das ordens religiosas e clérigos que através de seus votos buscam a perfeição de vida. Tal compreensão permanecerá, praticamente, até o Concílio Vaticano II. Nessa perspectiva, de acordo com Matos:

¹Compreende-se que as discussões no século passado sobre a santidade na Igreja foram pauta de teólogos que favoreceram a visão do Concílio Vaticano II, entretanto, aqui se fixará de forma restrita no pensamento dos referidos papas.

Em todos estes momentos da História que homens foram consagrados santos, esta iniciativa correspondeu a modelos de santidade que vigoravam na época. [...] Contudo, e aqui é um bom momento para se ressaltar que esses modelos de santidade não devem ser pensados de forma evolucionista, no qual um modelo cessa e outro surge. O que vemos, portanto, são atualizações de modelos preexistentes que se misturam ou reaparecem através dos tempos (2014, p. 29).

A partir desse horizonte, de atualizações de modelos de santidade que se misturam e reaparecem através dos tempos, que a partir do início do século XX, com a mudança de época e de paradigmas, e a crise da humanidade diante do poderio da racionalidade, e constituído por “uma humanidade oprimida pelos totalitarismos gerados pela sociedade de massa, as profundas diferenças ideológicas que tornaram particularmente dura a guerra civil, os valores cristãos e a Igreja hostilizados e perseguidos” (SOUZA; GONÇALVES, 2013, p. 103), que segundo Amaral, “a santidade de vida apareceu como uma tarefa urgente, especialmente no âmbito laical e sacerdotal” (2013, p. 412).

Nesse contexto, o Papa Pio XI declara que “ninguém creia... que a santidade seja para poucos homens escolhidos dentre muitos, enquanto os outros podem limitar-se ao grau inferior de virtude. Absolutamente, todos, sem exceção alguma, estão compreendidos nesta lei” (PIO XI apud MACHADO, 1995, p. 198).

Desse modo, a santidade de vida, tanto dos clérigos como dos leigos, passa lentamente a ter mais importância no próprio discurso eclesiológico, influenciados, sobretudo, pelos movimentos leigos, como a Ação Católica. Nesse ambiente um tanto conturbado que na encíclica *Ad catholici sacerdotii* (1935) o Papa Pio XI ressalta que

[...] a todos os cristãos em geral foi dito: "Seja perfeito como seu Pai Celestial é perfeito"; quanto mais então o padre deve considerar essas palavras do Mestre Divino como faladas a si mesmo, chamado como ele é por uma vocação especial para seguir Cristo mais de perto (n. 38).

Mesmo que a encíclica seja dirigida para os sacerdotes, fica perceptível um discurso com uma visão mais aberta sobre a santidade, não tanto como algo exclusivo para os clérigos e religiosos, mas para todos os cristãos. Nessa perspectiva Amaral ressalta que ao "longo de seu pontificado, Pio XI afirmará mais vezes que todos devem tender para a santidade e que esta consiste num grau de virtude perfeito" (2013, p. 163).

Visão essa que já é fruto de uma compreensão de uma consciência, ainda embrionária, que "a hierarquia já não pode realizar sozinha a missão da Igreja no mundo, pelo que se começa a encorajar ainda mais a ação do leigo em favor e em defesa da Igreja e da sua missão salvadora no mundo" (AMARAL, 2013, p. 157). Nesta conjuntura o Papa Pio XII na Exortação *Menti Nostrae* (1950), de forma mais sutil que seu antecessor estimula a:

[...] esforçarmo-nos para que se torne cada vez mais eficaz o trabalho dos sagrados pastores e dos sacerdotes, que devem guiar o povo cristão para que evite o mal, vença os perigos e alcance a santidade. É essa, realmente, a principal necessidade do nosso tempo, em que os povos, em consequência da recente e tremenda guerra, não somente se veem assoberbados por graves dificuldades materiais, mas estão também espiritualmente perturbados, enquanto os inimigos do nome cristão, que as condições em que se encontra a sociedade tornaram mais insolentes, com ódio satânico e insídias sutis se esforçam por afastar os homens de Deus e do seu Cristo (n. 2).

Assim, o Papa Pio XII acena para o contexto da época, os movimentos renovadores e os leigos, que mostram “uma crescente consciência pessoal – sentida e vivida por muitos cristãos – que todos somos Igreja e da necessidade de uma vida santa” (AMARAL, 2013, p. 412). Mas o que parecia faltar ainda era uma visão eclesial mais ampla e global sobre a santidade cristã, menos hierárquica, que correspondesse a uma compreensão mais plena da santidade, que aparecerá no Concílio Vaticano II, como um chamado universal.

2 A Santidade como Vocação Universal à luz da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

O Concílio Vaticano II, com a sua proposta de um *aggiornamento* e com o intuito de retornar às fontes, retoma o chamado à santidade, dedicando o capítulo V da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, para tratar somente sobre essa questão. Dessa forma, nutrindo-se dos movimentos renovadores anteriores, propõe um novo paradigma de santidade, sobretudo para o leigo, a saber:

[...] a santidade, proposta com certa ênfase como a vocação universal dos fiéis. Tal santidade não se caracteriza pela separação do mundo, mas sim pela presença e pela influência transformadora dos leigos na sociedade, por sua atividade familiar, profissional e política (JOSAPHAT, 2013, p. 80-81).

De forma mais enfática o Concílio irá abrir definitivamente o “caminho para a superação da ambígua concepção da santidade como monopólio e privilégio dos chamados ‘estados de perfeição’” (TEIXEIRA, 2009, p. 10) e afirma

de forma clara que “todos são chamados à Santidade” (LG, n. 39). Em outras palavras, a vocação à santidade é universal.

Nessa perspectiva Amaral salienta que “chamamento universal à santidade na Igreja vem a ser o reconhecimento de que todos aqueles que são membros da Igreja, pelo simples fato de o serem, estão chamados à perfeição da caridade” (2013, p. 353). Todos são chamados à santidade, mas esse chamado é de igual modo um compromisso de produzir frutos de vida, nas mais diferentes situações da vida humana.

Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à hierarquia, quer façam parte da grei, são chamados à santidade segundo a palavra do Apóstolo: “Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1Tes 4,3; cf. Ef 1,4). Esta santidade da Igreja manifesta-se incessantemente e deve manifestar-se nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis (LG, n. 38).

A santidade é, pois, retomada na visão dos padres conciliares como vontade de Deus para todos. Na afirmação do Apóstolo Paulo, na primeira carta aos Tessalonicenses, fica claro como é a conduta cristã, que é o voltar-se para sua vontade e buscar agradar a Deus. Para isso, o grande modelo, e o mais perfeito, é a pessoa de Jesus Cristo, que adverte os discípulos de ontem e de hoje: “nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7,21).

Nesse sentido afirma a *Lumen Gentium* que os “seguidores de Cristo, que Deus chamou e justificou no Senhor Jesus, não pelos méritos deles, mas por seu desígnio e sua graça, foram feitos no batismo da fé verdadeiros filhos de Deus e participantes da natureza divina, e por isso verdadeiramente santos” (LG, n. 40).

Desse modo, através do batismo pode-se afirmar que se recebe a potencialidade da santidade, assim cada cristão pode ser santo, e isso “é, pois, bem claro que todos os fiéis, seja qual for seu estado ou classe, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade, santidade esta que promove, mesmo na sociedade terrena, um teor da vida mais humano” (LG, n. 40). Contudo,

Não se trata, porém, de uma santidade previamente realizada, mas de uma construção permanente, para a qual concorrem todas as suas dimensões constitutivas. Na comunidade eclesial todos são chamados a responder livremente a essa vocação universal recebida de forma totalmente gratuita. É potencialmente santo todo aquele a quem Deus ama, toca e conduz (TEIXEIRA, 2009, p. 10).

Sendo a santidade fruto de uma construção permanente, a *Lumen Gentium* longe de querer apresentar um manual de como ser santo, no seu número 41 apresenta uma excelente reflexão sobre como cada cristão, independentemente de suas condições e de sua vocação específica, é chamado a viver a santidade. Com isso, a vocação à santidade é apresentada em vista da caridade na missão, onde cada um conforme “os próprios dons e funções, deve progredir sem desfalecimentos pelo caminho da fé viva, que estimula a esperança e que atua pela caridade. [...] Todos os fiéis se santificarão cada dia mais nas condições, tarefas e circunstâncias da própria vida” (LG, n. 41).

Nessa lógica Teixeira salienta que “como ninguém pode se apossar da santidade em sua totalidade cada um a alcança num dos seus múltiplos aspectos, conforme a missão que lhe foi confiada” (2009, p. 10). Com isso, a santidade é percebida a partir do cotidiano da existência humana, onde “todos

os fiéis são convidados e obrigados a tender para santidade e perfeição do estado próprio” (LG, n. 42).

Assim, independentemente de ser clérigo, religioso, consagrado ou leigo, todos sem distinção são chamados a produzir de forma concreta, frutos de vida e a viver o amor. Nesse limiar “a vida de todos os cristãos deve edificar os irmãos na caridade” (LG, n. 39), e de fato, a caridade para com Deus e para com o próximo é o sinal do verdadeiro discípulo de Cristo (cf. LG, n. 42).

Seguindo essa linha de pensamento de uma santidade vivida no cotidiano da existência humana, no contínuo peregrinar neste mundo, o magistério pós-conciliar não deixou de fazer repercutir o chamado universal, entre eles destacam-se os Papas João Paulo II e Francisco.

3 Vocação universal à santidade no magistério de João Paulo II e de Francisco

A temática da santidade está muito presente no Magistério do Papa João Paulo II, sendo que inclusive se tornou “o pontífice que elevou mais fiéis aos altares na história da Igreja” (AMARAL, 2005, p. 2). Sobre a vocação universal à santidade, João Paulo II salienta na Exortação *Christifideles Laici* (CL) (1988), que “tal vocação aparece então como componente essencial e inseparável de nova vida batismal e, por conseguinte, elemento constitutivo da sua dignidade” (n. 17).

Treze anos depois na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (NMI) (2001) ressalta a redescoberta da Igreja como mistério e que o dom da santidade é oferecido a cada batizado, sendo que “se os padres conciliares deram tanto relevo a esta temática, não foi para conferir um toque de espiritualidade à

eclesiologia, mas para fazer sobressair a sua dinâmica intrínseca e qualificativa” (n. 30).

Desse modo, através do Batismo todos os homens e mulheres são inseridos em Cristo e são convidados a viver uma santidade “que se faz na luta diária por seguir a Cristo, vivendo em alto grau as virtudes” (AMARAL, 2005, p. 10). Pois, sendo que “o Batismo é um verdadeiro ingresso na santidade de Deus através da inserção em Cristo e da habitação do seu Espírito, seria um contrassenso contentar-se com uma vida medíocre, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial” (NMI, n. 31).

É necessário, portanto, a vigilância para a vivência da santidade. Esta que se faz no cotidiano da existência humana, onde todos os homens e mulheres “são habilitados e empenhados em manifestar a santidade do seu ser na santidade de todo o seu operar” (CL, n. 16). Com isso, atentos ao que Jesus pede para que todos sejam “perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48), João Paulo II reforça que “este ideal de perfeição não deve ser objeto de equívoco vendo nele um caminho extraordinário, percorrível apenas por algum 'gênio' da santidade. Os caminhos da santidade são variados e apropriados à vocação de cada um” (NMI, n. 31).

Com esse princípio é que muitos jovens, homens e mulheres, se empenharam em viver em conformidade com o projeto de Jesus, a viver verdadeiramente a sua vocação e em manifestar a santidade no seu modo de ser e agir e foram, portanto, beatificados e canonizados por João Paulo II. Diante de tais beatificações e canonizações, o papa reafirma a importância do testemunho de cada um ao dizer que “todo o Povo de Deus, e os fiéis leigos em particular, podem ter agora novos modelos de santidade e novos testemunhos

de virtudes heroicas vividos nas condições comuns e ordinárias da existência humana” (CL, n. 17).

O Papa Francisco, no ano de 2018, presenteia a Igreja com a exortação *Gaudete et Exsultate* (GE). Nela ele desenvolve uma reflexão sobre o chamado à santidade no mundo atual. Tendo como base o princípio que santidade é uma vocação universal, Francisco pede para não se pensar somente naqueles que “já estão beatificados ou canonizados” (GE, n. 6), mas para que se direcione também o olhar e a atenção para o “povo paciente de Deus, [...] a santidade ‘ao pé da porta’, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus. [...] a classe média da santidade” (GE, n. 11). E aí se verá a santidade como o “rosto mais belo da Igreja” (GE, n. 9).

Percebe-se assim, claramente, aquilo que o Concílio Vaticano II suplicava, a vivência da santidade no dia-a-dia, no ‘anonimato’. Pais, homens e mulheres trabalhadores (GE, n. 7) que vivem a sua fé nas tarefas humildes do seu cotidiano. Nesse sentido Francisco afirma que “para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religioso ou religiosa. [...] Todos são chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra” (GE, n. 13). Fica evidente, desse modo, uma visão mais global sobre a santidade cristã, compreendida de modo menos hierárquico e mais a partir do imperativo Povo de Deus. Nesse limiar é que Antônio Alves Melo salienta que

A história da igreja registra martírios heroicos. Fiéis que suportaram atroz sofrimentos por fidelidade a Jesus Cristo. No entanto, a imensa maioria dos fiéis tem vivido a fé sem grandiosidade nem brilho. Mas isso em nada diminui o valor de sua vivência e de seu testemunho (2018, p. 7).

Nesta perspectiva fica claro que os santos são seres humanos e que as suas vidas talvez não tenham sido sempre perfeitas, mas mesmo no meio de imperfeições e quedas continuaram a caminhar e agradaram ao Senhor (GE, n. 3). A partir disto a pergunta que nos surge é a seguinte: mas o que é a santidade? Então, Francisco apresenta-nos as bem-aventuranças como a carteira de identidade do cristão (GE, n. 63).

Assim, na definição de Francisco, ser santo é: “ser pobre no coração” (GE, n. 70), “reagir com humilde mansidão” (GE, n. 74), “olhar e agir com misericórdia” (GE, n. 82), “manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor” (GE, n. 86), “semear a paz ao nosso redor” (GE, n. 89) e “abraçar diariamente o caminho do Evangelho, mesmo que nos acarrete problemas” (GE, n. 94). Nesse sentido, diante do chamado à santidade, a nossa resposta deve ser sempre a vivência da prática do amor a Deus e ao próximo.

Quando encontro uma pessoa a dormir ao relento, numa noite fria, posso sentir que este vulto seja um imprevisto que me detém, um delinquente ocioso, um obstáculo no meu caminho, um aguilhão molesto para a minha consciência, um problema que os políticos devem resolver e talvez até um monte de lixo que suja o espaço público. Ou então posso reagir a partir da fé e da caridade e reconhecer nele um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo. Isto é ser cristão! Ou poder-se-á porventura entender a santidade prescindindo deste reconhecimento vivo da dignidade de todo o ser humano? (GE, n. 98).

Fica evidente, portanto, que a santidade perpassa também pelo reconhecimento da dignidade do ser humano e que somente no seguimento ao Senhor, através do caminho que ele nos prepara, é possível alcançar de forma

plena a vivência da santidade, e produzir frutos. Para isso, Francisco nos indica o caminho do discernimento.

O discernimento não é necessário apenas em momentos extraordinários, quando temos de resolver problemas graves ou quando se deve tomar uma decisão crucial; mas é um instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor. É-nos sempre útil, para sermos capazes de reconhecer os tempos de Deus e a sua graça, para não desperdiçarmos as inspirações do Senhor, para não ignorarmos o seu convite a crescer (GE, n. 169).

Em suma, é possível então dizer que no dia-a-dia, no cotidiano anônimo, com a vigilância, o discernimento e a fidelidade a Cristo, é que a pessoa vai dando a resposta ao chamado à santidade, que em última análise “não é mais do que a caridade plenamente vivida” (GE, n. 21).

Considerações finais

Ao chegar ao final deste artigo, acredita-se ter apresentado algumas reflexões sobre a santidade desde o início do século XX até o Magistério do papa Francisco. Com isso, através destas considerações conclusivas, pretende-se apresentar a nova visão de santidade na Igreja, a partir da visão proposta pelo Concílio Vaticano II.

Percebeu-se que a santidade é uma realidade que desde o início do cristianismo é considerada como aquilo que caracteriza a vida do cristão. Assim, ao longo da história, surgiram diversos modelos e concepções de santidade. Entretanto, é no século XX, influenciado pela mudança de época, que cresce, ainda que de forma embrionária, uma retomada de consciência que santidade

não é somente para poucos, para os eleitos, mas que as palavras de Cristo – *perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito* – foram dirigidas a todos os cristãos. Contudo, notou-se que ainda faltava uma consciência menos hierárquica e mais ampla e global sobre a santidade cristã.

Diante de tais constatações, realizou-se alguns apontamentos sobre o capítulo V da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* em que os padres conciliares apresentam o chamado à santidade como uma Vocação Universal. Dessa forma, rompe-se com a visão que santidade era somente para os privilegiados e eleitos, mas que através do batismo todos recebem a potencialidade de serem santos. Com isso, independente da vocação específica, seja clérigo, religioso ou leigo, todos são chamados à santidade, que implica de igual modo a um compromisso de produzir frutos de vida, isto é, de uma identidade construída através da prática e da vivência do amor.

Salientou-se, ainda, que a temática da santidade está muito presente no Magistério do Papa João Paulo II, que inclusive tornou-se o Papa que mais realizou beatificações e canonizações na história da Igreja. Dessa forma, para o pontífice, a santidade que é oferecida a cada batizado deve realizar-se na luta diária pelo seguimento ao Mestre Jesus. Assim, sendo que o caminho para a santidade se dá no dia-a-dia, conforme a vocação de cada um, para isso é necessário que se viva e se manifeste a santidade no modo de ser e agir, e a não se contentar com uma vida superficial e medíocre.

Evidenciou-se, além disso, a partir da *Gaudete et Exsultate* do Papa Francisco, que a santidade é o rosto mais belo da Igreja. Rosto que não se mostra somente naqueles que já são beatificados ou canonizados, mas também no povo simples, pais, homens e mulheres trabalhadores que, no dia-a-dia, no anonimato, vivem a sua fé e são reflexos da presença de Deus. Por fim, se

compreendeu a santidade a partir de uma visão mais global e menos hierárquica, que ressalta inclusive que os santos já canonizados foram seres humanos e talvez as suas vidas não foram perfeitas, mas no meio das imperfeições se esforçaram no seguimento ao Reino de Deus.

Referências

AMARAL, Miguel de Salis. **A santidade da Igreja no pensamento de João Paulo II**. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/1717>. Acesso em: 7 set. 2021.

AMARAL, Miguel de Salis. **Concidadãos dos santos e membros da família de Deus**: estudo histórico-teológico sobre a santidade da Igreja. São Paulo: Paulus, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2017.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***: sobre a igreja. Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 15 ago. 2021.

FRANCISCO. Papa. **Exortação apostólica *Gaudete et Exultate***: sobre a chamada à santidade no mundo atual. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/pa-pa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exultate.html. Acesso em: 15 ago. 2021.

JOÃO PAULO II. Papa. **Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte***. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 22 ago. 2021.

JOÃO PAULO II. Papa. **Carta apostólica Tertio Millennio Adveniente**: sobre a preparação para o Jubileu do ano 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html. Acesso em: 22 ago. 2021.

JOÃO PAULO II. Papa. **Exortação apostólica Christifideles Laici**: sobre a vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html#fn47. Acesso em: 22 ago. 2021.

JOSAPHAT, Carlos. **Vaticano II**: a Igreja aposta no Amor Universal. São Paulo: Paulinas, 2013.

LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MACHADO, Osvaldo Gomes. **A santidade ontem e hoje**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1995.

MATOS, Silvana Sobreira. **A beata Chiara Luce e as transformações e/ou atualizações na santidade católica**. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/27646/1/TESE Silvana Sobreira de Matos.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/27646/1/TESE%20Silvana%20Sobreira%20de%20Matos.pdf). Acesso em: 7 set. 2021.

MELO, Antônio Alves. **O Papa Francisco e a vocação à santidade hoje**: notas de leitura. Disponível em: <https://www.revistarelicario.museudeartesauberlandia.com.br/index.php/relicario/article/view/18>. Acesso em: 18 set. 2021.

PIO XI, Papa. **Encíclica Ad Catholici Sacerdotii**: sobre o sacerdócio católico. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19351220_ad-catholici-sacerdotii.html. Acesso em :15 ago. 2021.

PIO XII, Papa. **Exortação apostólica Mentii Nostrae**: sobre a vida sacerdotal. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-xii_exh_19500923_menti-nostrae.html. Acesso em: 15 ago. 2021.

PLUS, Raul. **A santidade católica**. Tradução de Ângelo Augustinho Antônio Zioni. São Paulo: Vozes, 1958.

SOUZA, Ney de; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **Catolicismo e sociedade contemporânea**: do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2013.

TEIXEIRA, Vinícius Augusto Ribeiro. **A vocação universal à santidade como horizonte da vida cristã**. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1297/1153>. Acesso em: 18 set. 2021.